



## UMA REFLEXÃO SOBRE INTERNET, CIBERESPAÇO E LINGUAGEM

### A REFLEXION ABOUT INTERNET, CIBERSPACE AND LANGUAGE

Daniel Dantas<sup>1</sup>  
Adriano Lopes Gomes<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo refletimos acerca dos conceitos relacionados à Internet e ao ciberespaço, tentando descrever como se dão as relações sociais na Internet e de que modo essas relações constituem o ciberespaço como uma realidade social concreta. É resultado da reflexão sobre o tema, fruto das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. O trabalho se concentra especialmente sobre as noções de ciberespaço e hipertexto, destacando a história da Internet.

**Palavras-chave:** Internet, ciberespaço, cibercultura, relações intersubjetivas

**ABSTRACT:** This paper reflects on the concepts related to the Internet and cyberspace, trying to describe how to make social relationships on the internet and how those relationships constitute cyberspace as a concrete social reality. It is the result of reflecting on masters and doctorate research carried out in the Pos-Graduate Program in Language Studies. The work focuses especially on the notions of cyberspace and hypertext, highlighting the history of the Internet.

**Key-words:** Internet, cyberspace, cyberculture, intersubjective relationships

#### Introdução

Neste artigo refletimos acerca dos conceitos relacionados à Internet e ao ciberespaço, tentando descrever como se dão as relações sociais na Internet e de que modo essas relações constituem o ciberespaço como uma realidade social concreta.

O trabalho resulta da reflexão sobre o tema, fruto das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre e Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: danieldantas79@uol.com.br.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: adrianogomes@cchla.ufrn.br.



Inicialmente traçamos um resumo da história da informática e da Internet para, na seqüência, descrever o ciberespaço.

Trata-se, portanto, de uma reflexão conceitual sem grandes pretensões conclusivas sobre a pesquisa empírica. Esta etapa empírica, vencida na nossa pesquisa de mestrado, voltou-se aos blogs e as relações intersubjetivas que têm seu lugar no seu espaço. Pouco dela transparece na discussão apresentada neste texto.

### **A história da informática e da Internet**

A Internet nasceu a partir de uma pesquisa científica financiada pelo governo americano, nos anos 60, que visava à redução de custos no uso de computadores, volumosos, caros e raros (CAIRNCROSS, 2000, p. 118). A pesquisa inicial objetivava multiplicar a capacidade de uso e armazenagem dos computadores nos Estados Unidos, além de construir um mecanismo em rede que permitisse a manutenção da comunicação estratégica do governo ainda que houvesse um desastre nuclear. Eram os tempos de Guerra Fria. A Agência para Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa do governo americano (ARPA) financiou a nova rede, que ficou conhecida como ARPANet. A rede começou a funcionar em 1969, conectando quatro universidades a partir da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e subsistiu até 1990. Com base nesse modelo, a Internet sempre tem se estruturado na forma de redes descentralizadas, o que significa dizer que ela jamais foi posse de qualquer instituição e que seu crescimento é virtualmente fora de controle.

As vantagens da Rede começaram a se tornar evidentes. Por isso, ainda no início de sua existência, cada vez mais pessoas de fora do círculo da ARPA solicitavam acesso a ARPANet (WERTHEIM, 2001, p. 164). Desse modo, a necessidade de se criar uma rede civil de mais fácil acesso se tornou patente e a NSF<sup>3</sup> em 1980 financiou a criação de uma rede conectando departamentos de ciências de computação em todos os Estados Unidos, que também se ligava à ARPANet. Nos anos 80 outras redes foram criadas e se conectaram gradativamente. Mais tarde, entre o fim dos 80 e o início dos 90, a Internet se formou a partir da reunião dessas novas redes que estavam sendo criadas. A Internet é uma rede de redes, das quais uma das mais importantes é a *World Wide Web* (WWW).

---

3 A sigla corresponde ao nome em inglês, National Science Foundation.



A Internet já foi entendida como um meio de comunicação que, por si só, não tem nada a dizer, assim como, segundo Serva (1997, p. 141 – 142), Walter Benjamim concebia o rádio em seu tempo. Dessa maneira, indo ao encontro de necessidades do público, a rede foi buscar em outras mídias conteúdos, informações e linguagem, numa forma de convergência midiática semelhante a que já havia acontecido, talvez em menor escala, com cinema, rádio e televisão. Em 1997, Serva (1997, p. 141-142) apostava que a Internet seria capaz de concretizar o que Décio Pignatari havia dito sobre a televisão, que ela se tornaria o “meio dos meios”, a somatória dos meios anteriores fagocitados.

No entanto, cada vez mais, a linguagem e as características do novo meio foram se definindo melhor, ainda que uma de suas importantes características continue sendo a convergência midiática na forma de um hibridismo sempre mais sofisticado. O certo disso tudo é que os passos da cultura e sociedade contemporâneas e futuras sofrerão, em maior ou menor grau, a influência da Internet. Os resultados desse processo ainda não são totalmente conhecidos ou previsíveis, mas podemos perceber a tendência a se fortalecer uma interação mais concreta e real entre público e mídia do que jamais houve em outros meios.

### **O hipertexto**

Em certo sentido, podemos dizer que o hipertexto é o elemento fundamental da Internet, especialmente da web. Os blogs são eventos que se dão no ambiente web, caracterizados, dessa maneira, pelo hipertexto e suas características de arquitetura de links e leitura não-linear.

Lévy (1993, p. 28) relembra que a idéia de hipertexto nasceu em 1945 com o matemático e físico Vannevar Bush, como o projeto Memex. Foi, no entanto, Theodore Nelson quem criou, no início dos anos 60, a expressão hipertexto com o sentido de uma escrita/leitura não-linear em um sistema informático. A idéia fundamental na base do hipertexto sempre esteve presente nas formas de arquivamento e gestão de conhecimento da sociedade. Exemplo de estruturas não-lineares de armazenamento são as bibliotecas e as enciclopédias. O hipertexto digital avança essas marcas, especialmente na Internet, devido principalmente à capacidade de armazenagem disponível na Rede e na facilidade de acesso às informações permitida ao usuário.



Resumindo, podemos definir o hipertexto a partir da possibilidade de escrita e leitura não-linear, da presença dos links e nós textuais (ARAÚJO, 2004, p. 96). Assim, Lévy (1993, p. 33) descreve o hipertexto como “um conjunto de nós ligados por conexões”. A partir dessa organização, que é reticular, promovida pelo hipertexto e, por consequência, pela Internet, Vilches (2003, p. 158) acredita que têm surgido novas maneiras de organização do conhecimento, tomando por base novos suportes e novas lógicas de gestão. No entanto, autores como Xavier (2004, p. 173), desconfiam da liberdade de leitura não-linear proporcionada pelo hipertexto ao perceber que ela é apenas parcial porque a disponibilização de links de navegação para outros hipertextos é decisão exclusiva do produtor da página. Tais links normalmente apenas respaldam o ponto de vista do autor que os gerou. Esse é um destaque importante, uma vez que nos auxilia na possibilidade de diferenciação entre o potencial teórico do hipertexto e sua real execução hoje, quando a distribuição do poder sobre o texto e os links ainda pertencem, essencialmente, aos autores. Por mais que se possa decantar as vantagens e liberdades – especialmente de expressão – promovidas pelo hipertexto internético, a realidade das relações de poder ainda se mantém nesses mecanismos de produção de conteúdo. Dessa maneira, um blog não será lido se um sistema de busca ou, principalmente, um outro blog de um grande portal ou veículo de comunicação não apontar seus olhos e links para ele.

Xavier (2004, p. 170) entende que o hipertexto é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Nessa direção, Marcuschi (2004, p. 26) destaca que o hipertexto deve ser entendido como um modo de produção de texto que se pode se estender, potencialmente, a todos os gêneros, carregando-os de características específicas. É uma de suas características o hibridismo ou convergência – formatos, linguagens, gêneros e até mídias diferentes se manifestando sobre o mesmo suporte hipertextual.

Com vistas nisso, podemos compreender de maneira mais adequada a opinião de Melo (2004, p. 135), segundo a qual o hipertexto costuma ser entendido como um texto que possui acessibilidade ilimitada, quer dizer, sem censuras quanto às ligações que pode construir, sendo assim um espaço altamente produtivo para o desenvolvimento de formas comunicacionais transversais, interativas e cooperativas. No entanto, como Xavier (2004,



p. 173) já expressara anteriormente, essa noção sofre restrições de caráter discursivo – os hipertextos costumam ser monofônicos, com os links servindo a maior parte das vezes apenas para confirmar as idéias dos autores – e cognitivas – o conhecimento oferecido pelo hipertexto Internetiano tende a ser fragmentário, conectando textos não necessariamente relacionados. Assim, o hipertexto tem exigências cognitivas fortes e difíceis referentes à necessidade de conhecimentos prévios por parte dos leitores. Desse modo, reforçamos o entendimento de que a acessibilidade ilimitada do hipertexto não passa de uma possibilidade técnica, com pouca ocorrência real.

Outros autores, não apenas das pesquisas em comunicação, preocupam-se em descrever o hipertexto. Chartier (2002, p. 31) o nomina de texto eletrônico e destaca algumas de suas características. Primeiramente, a tela do computador, onde surge o hipertexto, não é bidimensional como uma página de papel, mas é um espaço em três dimensões, possuindo profundidade. Dessa maneira, no hipertexto é o próprio texto que está dobrado e não o seu suporte, como no livro. Assim, a leitura do hipertexto é vista como desdobramento do texto, que possui uma textualidade suave, móvel e infinita. Por isso, segundo Chartier (2002, p. 31), o desafio do hipertexto relaciona-se a sua capacidade, enquanto texto desencadernado, de superar a sua característica tendência a se derramar. Essas características do hipertexto não se contradizem às anteriormente descritas – estrutura reticular de links e leitura não-linear, com suas limitações. Todas se complementam e nos ajudam na construção de um entendimento do hipertexto e da Internet. Enquanto as primeiras características nos falam sobre a forma do hipertexto e sua estrutura, as últimas nos ajudam a compreender os modos de leitura e construção de sentido, típicos do hipertexto na tela do computador. As questões formais e o sentido nos ajudam a desenvolver uma visão mais global da questão.

O hipertexto, enfim, aparece para Cavalcante (2004, p. 163) como possibilidade de discussão acerca da própria textualidade em um portador de textos, disponibilizado na Internet, funcionando também como um mapeamento das possíveis associações entre diversos textos. Através disso, o hipertexto atua como simulação da relação entre leitor e texto no processo de produção de sentido, proposta pelo autor, não refletindo necessariamente o percurso de leitura seguido pelo leitor. Os links que são dispostos e apontados pelos autores dos textos, no formato hipertextual, não são necessariamente



seguidos pelos leitores ou, quando o são, nada garante ao produtor que serão seguidos na ordem proposta pelos autores. Ainda assim se reforça a limitação de possibilidades do leitor que apenas pode navegar naquelas limitadas possibilidades apontadas pelo autor do hipertexto em questão.

O hipertexto eletrônico e as demais manifestações da cibercultura fazem com que ela, conforme aponta Lemos (2002a, p. 116), ofereça o excesso não-cumulativo e irracional de bits, signos e sentidos. No entanto, quando afirmamos a estruturação na distribuição do hipertexto, entendemos que as formas estruturadas dos links hipertextuais monossêmicos contribuem para a retirada do leitor dos excessos de signos e sentidos apontados por Lemos.

Deixando mais claras essas características do hipertexto, não fica complicado compreender os mecanismos hipertextuais que ajudam os blogueiros, por exemplo, a, segundo uma forma discursiva e argumentativa, manter opiniões e temas agendados como informação e notícias, mobilizando os interesses, os sentidos e as opiniões dos leitores. A relevância dessa percepção, alvo de nossa pesquisa, é diretamente proporcional à constatação de que os leitores têm bastantes limitadas opções de navegação através de links na produção hipertextual blogueira. Assim parece não ser complicado para um blogueiro definir, não só o que deve pensar o público, mas como deve pensar, fazendo uso de todos os mecanismos discursivos de persuasão e argumentação que lhe seja possível. O hipertexto contribui para a construção e manutenção argumentativa de um tema agendado na mídia, a partir de blogs, como é o nosso exemplo.

Apesar dessas dificuldades, o hipertexto apresenta potenciais sociais que podem vir a ser alcançados através da mobilização social. Xavier (2004) é otimista em uma proposição que entendemos ser um objetivo de luta social, uma vez que essa realidade não está garantida aos usuários de antemão devido às limitações impostas ao potencial do hipertexto. Xavier (2004, p. 172) acredita que por “ampliar ilimitadamente o sistema de relações referenciais do leitor pelo acesso a vários hiperlinks, o hipertexto torna-o potencial cidadão do mundo”.

Chartier (2002) é menos otimista. Chartier (2002, p. 20 – 21) entende que “o mundo da comunicação eletrônica é um mundo da superabundância textual cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores”. Acreditamos que essa característica



favorece a promoção dos sentidos únicos na produção de notícias e agendamento de temas construídos, até mesmo através dos links, uma vez que tal condicionamento pode auxiliar a reduzir a polissemia e a incerteza. Assim, como resultado da característica do hipertexto de links monofônicos e, ao mesmo tempo, da superabundância textual da Internet, o agendamento temático dos blogs de notícias, alimentado e mantido pela argumentação discursiva e construções persuasivas, termina sendo bem recebido pelos leitores que evitam os riscos de se perderem na vastidão de conteúdo da Internet. Os autores, por outro lado, passam a fazer uso – de forma mais ou menos consciente – desses fatos para as produções hipertextuais e a manutenção temática que lhe interesse: o autor é livre para apontar seus links no texto, o que normalmente reforça seus conteúdos e posicionamentos; isso pode ser positivo para evitar aventuras desnecessária em meio à superabundância de possibilidades textuais<sup>4</sup>; e usando a argumentação discursiva e a persuasão, o autor – no nosso caso, o blogueiro – pode construir e manter uma agenda midiática, explorando os critérios de noticiabilidade próprios do ambiente internético, pautando nessa nova opinião pública que surge na Internet os conteúdos a serem discutidos e, pelas limitações discursivas e cognitivas impostas pelos links hipertextuais, a maneira sobre como cada assunto desse conteúdo deva ser tratado e pensado. Com tantas limitações, apenas de um ponto de vista ideal ainda se mantém a afirmação de Vilches (2003, p. 152) de que o hipertexto parece conter a totalidade do conhecimento. Seu acesso, contudo, tende a ser limitado discursivamente.

No mundo da Internet, segundo Chartier (2002, p. 23), todos os textos de quaisquer gêneros podem ser lidos no mesmo elemento material, o monitor do computador, sob o mesmo formato hipertextual. Podem ser lidos também da mesma forma, decidida, em geral e limitadamente, pelos próprios leitores, que dobram e desdobram o hipertexto da maneira que querem.

### **O ciberespaço**

---

<sup>4</sup> Até porque acreditamos que a potencialidade do hipertexto aponta para o que diz Chartier (2002, p. 23) de que a “leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se”. Quando mais estruturado for o hipertexto produzido, inclusive com respeito aos links apontados, menos problemática será essa leitura descontínua, de acordo com as intenções do autor.



A expressão ciberespaço surgiu na obra de ficção ciberpunk de William Gibson, “Neuromancer”, em 1984. Podemos entender o ciberespaço, seguindo Lemos (2002b, p. 137), como um lugar virtual em que estamos quando entramos em um ambiente simulado (realidade virtual) e, também, como Internet enquanto conjunto de redes de computadores que podem, ou não, estar interligadas em todo planeta.

Fundamentalmente, além dessas duas definições de André Lemos, queremos entender o ciberespaço como uma rede de relações sociais que se dão possibilitadas pela constituição virtual dos computadores e da Internet. É, portanto, muito mais uma rede de relacionamento entre sujeitos sociais do que uma rede ou redes técnicas de ligações entre computadores. A Internet só passa a se constituir num ciberespaço social a partir da inserção de sujeitos e suas relações através de seus nós e ligações técnicas de redes e computadores. Nesse sentido, Wertheim (2001, p. 163) afirma que o ciberespaço surge no “espaço” da interconexão de computadores por todo planeta. No entanto, diz ainda a autora (WERTHEIM, 2001, p. 167) que, embora dependa dessa rede física para existir, o ciberespaço não se confina a uma concepção fisicalista do real. Desse modo, o ciberespaço tem se constituído como espaço para interação social e comunicação, mais do que simplesmente coleta de dados, formando, na prática, um novo domínio da mente.

Algo semelhante é exposto por Vilches (2003). Ele defende que o ciberespaço deve ser entendido como um espaço social que se constitui de sujeitos interconectados, aparecendo como a mais nova fronteira comunicativa e do real (VILCHES, 2003, p. 133). É com base nisso que muitos pesquisadores, teóricos e pensadores se integram a uma perspectiva bastante otimista com relação à Internet e ao ciberespaço. Wertheim (2001, p. 218), por exemplo, diz ainda acreditar que essa característica relacional do ciberespaço poderá servir para a formação de comunidades melhores futuramente.

Fundamental a essa perspectiva social do ciberespaço, o papel do sujeito nas relações da Internet tem sido enfatizado, especialmente pelos partidários mais otimistas das teses sobre a formação de sociedades melhores no futuro a partir da emergência da cibercultura. Fragoso (2003, p. 219), como exemplo, afirma que o ciberespaço se ancora no usuário, porque o usuário é a fonte que deflagra os fluxos de comunicação que alimentam os dados que circulam na Internet, introduzindo aí, desse modo, doses significativas de imprevisibilidade. Os sujeitos são fundamentais para os fluxos de



informação que constituem as relações sociais que caracterizam o ciberespaço e a Internet. Essa é, no entanto, uma questão complexa, especialmente quando nos deparamos com a força e vitalidade cada vez mais intensa dos programas inteligentes que simulam uma inteligência artificial no ambiente da Internet. Esse tipo de inteligência artificial gera, continuamente, a dúvida sobre quem são nossos interlocutores no ciberespaço. O remetente de nosso e-mail pode ser uma máquina. O help desk de nossa solicitação pode não passar de um software programado para nos atender<sup>5</sup>. Desse modo, à afirmação de que os usuários são os sujeitos são as fontes que deflagram os fluxos informacionais que constituem as relações intersubjetivas no campo virtual subjaz uma discussão sobre o papel e a presença de sujeitos, máquinas e softwares estabelecendo relações na Internet.

Em virtude de tais dificuldades vamos nos concentrar nas manifestações pessoais que estabelecem relações sociais entre sujeitos, conforme trabalhamos em nossa pesquisa de mestrado (DANTAS, 2006). Ali discutimos as relações intersubjetivas virtuais que ora afirmamos constituir o espaço social do ciberespaço e da Internet. Entendemos essa intersubjetividade a partir da compreensão da noção bakhtiniana de dialogia. O discurso, com sua dialogicidade interna, institui a língua em uso, como parte de uma interação intersubjetiva entre enunciador e destinatário (BAKHTIN, 1990, p. 88). Desse modo, a intersubjetividade surge em Bakhtin como elemento social. Como explica Recuero (2004a), para Bakhtin, a comunicação existe a partir do diálogo, enquanto reconhecimento mútuo entre sujeitos que interagem como um “eu” e um “tu”. Assim, a dialogia inerente ao discurso, na visão bakhtiniana, baseia-se nas relações intersubjetivas de troca comunicativa, onde os interagentes constroem a intersubjetividade a cada passo. Além disso, aproximamo-nos do entendimento da intersubjetividade como a ação de promoção de uma atenção conjunta aos mesmos objetos de referência num mesmo domínio lingüístico ou extralingüístico por diferentes sujeitos, que se identificam como membros de uma mesma comunidade discursiva. Ao mesmo tempo, afirmamos ser o processo de intersubjetividade virtual constituído com base nas experiências de compartilhamento de realidades ou co-construção de realidades pelos interagentes, aplicando o que expressam Coelho Júnior & Figueiredo (2005). Esse processo se fundamenta no ciberespaço e se firma sob uma base de comunicação lingüística escrita, que é constitutiva desta realidade virtual.

---

<sup>5</sup> Há sistemas de atendimento telefônico a clientes em que não há qualquer interação com humanos.



As relações intersubjetivas virtuais, desse modo, se instituem em um processo em que tomam parte sujeitos sociais inseridos em um contexto discursivo e dialógico. Precisamos fazer, com isso, um recorte. Se bem que notamos a realidade e a dificuldade de perceber, muitas vezes, a presença de uma máquina ou software interagindo com o usuário na Internet, existem eventos, como os blogs, em que são possibilitados claros encontros entre sujeitos reais no campo virtual. Desse modo, assumimos a premissa de que nesses espaços são manifestos por meio do discurso e da escrita pessoal sujeitos sociais reais que se relacionam em espaços e eventos virtuais. Mesmo que não possamos conhecê-los no mundo offline, suas manifestações escritas são tomadas como elementos de constituição subjetiva e de construção de relações intersubjetivas. E mesmo que seus sujeitos no espaço virtual possam ser construídos na forma de avatares<sup>6</sup>, entendemos que apenas esse sujeito construído será alvo da análise do pesquisador do campo virtual. Apenas seu discurso e suas manifestações subjetivas nos ajudarão a descrevê-lo enquanto sujeito e entender as relações intersubjetivas em que se envolve.

Além desse entendimento que já foi expresso, existem outras tentativas de definir o ciberespaço, mais ou menos coincidentes e complementares ao que discutimos até aqui. O próprio André Lemos avança um pouco seus pontos de vista ao afirmar o ciberespaço como um não-lugar, uma *u-topia*, que nos convida a repensar a civilização baseados nessa emergência de informações digitais, coletivas e imediatas, o que por fim contribuirá para uma gradual desmaterialização do espaço e para uma maior ênfase na tipicamente contemporânea instantaneidade temporal (LEMOS, 2002b, p. 137). Essa é claramente uma perspectiva otimista e utópica sobre o avanço da cibercultura e constituição do ciberespaço.

Outros autores, mais ou menos otimistas e utópicos, reafirmam o entendimento de que o ciberespaço é mais que uma rede física de computadores conectados entre si, mas se revela como um espaço virtual onde podem se estabelecer relacionamentos entre os sujeitos sociais. É assim que Lévy (1999, p. 17) afirma que o ciberespaço é algo além de apenas uma infra-estrutura material de conexão entre computadores, que inclui o todo de informações disponíveis ali e os sujeitos que navegam e alimentam este novo universo, e Wertheim (2001, p. 221) entende que, fundada na linguagem, a rede do ciberespaço não é

---

<sup>6</sup> Avatar é uma representação no ciberespaço de um usuário. Em espaços como o Second Life, assume contornos de realidade virtual bem definida.



meramente uma rede física de conexão entre computadores, mas uma rede lógica que conecta pessoas. Por isso, segundo ela, os laços sociais criados no ciberespaço podem se tornar mais fortes do que aqueles surgidos no mundo físico (WERTHEIM, 2001, p. 182).

Um outro elemento, relacionado à constituição das relações intersubjetivas do ciberespaço, é destacado por Lemos (2002a; 2002b). O autor enfatiza aspectos religiosos do ciberespaço. Lemos (2002a, p. 115; 2003, p. 18) fala de uma religiosidade social que parte em busca do Outro e que faz os sujeitos sociais aderirem uns aos outros, religarem-se entre si. Quando participamos uns das vidas dos outros nas formas proporcionadas pelo ciberespaço de uma certa maneira isso nos faz experimentar uma religiosidade social. Isso seria como se por causa da expansão e liberdade provocadas pela inserção dos sujeitos na ciberespaço, a cibercultura se manifestasse como um tipo de êxtase espiritual que conduzisse a alma à esferas de existência anteriormente só proporcionadas pelas religiões tradicionais. Em outro texto, o mesmo autor (LEMOSb, 2002, p. 141) aponta outro elemento de religiosidade do ciberespaço. Para ele, o movimento da sociedade na direção do ciberespaço a faz se deparar com uma verdadeira “info-gnose”<sup>7</sup>, como uma ritual de passagem rumo à desmaterialização contemporânea. Desse modo, o ciberespaço é um espaço de simbolismo em que a cada dia se realizam ritos de passagem do espaço físico e analógico ao espaço digital sem fronteiras propiciado pelo avanço da cibercultura. Os não-iniciados vão se perdendo num caminho que vem seguindo a sociedade, em que, cada vez mais, a vida social se transfere em diversos aspectos para o espaço virtual da Internet.

Wertheim (2001) é outra autora que destaca os elementos religiosos manifestos pelo ciberespaço e pela cibercultura. Esse ambiente virtual tende a ser visto como espaço de promessa, uma utopia social. Segundo Wertheim (2001, p. 190), as promessas da utopia ciberespacial se assemelham às promessas da escatologia cristã, absorvendo, em suas formulações, muito do conteúdo dos textos religiosos do cristianismo. Ao falar sobre as obras de escritores envolvidos pela utopia cibernética, Wertheim (2001, p. 191) defende

---

7 O gnosticismo foi um movimento místico do início da Era Cristã que afirmava que o conhecimento da divindade só estaria acessível aos sujeitos iniciados nos ritos da comunidade. Ao falar em “info-gnose”, Lemos defende que a sociabilidade no ciberespaço pode se constituir em torno de rituais de passagem que conduzem os iniciados a um nível de conhecimento mais avançado, marcado por uma desmaterialização e virtualização da sociedade impregnada pela Cibercultura e Internet. Assim, em uma sociedade marcada pela emergência do ciberespaço, aqueles que detêm o conhecimento de como funciona esse mundo levariam a vantagem dos iniciados.



que como “o Céu cristão medieval, o ciberespaço se torna nessas histórias um lugar *fora* do espaço e do tempo, um lugar em que o corpo pode de alguma maneira ser reconstituído em toda a sua glória”. Ela ainda destaca alguns reflexos da cultura medieval no ciberespaço, ao perceber que a cibercultura recupera o dualismo no entendimento do espaço típico do homem medieval, ou seja, que haveria um mundo material, descrito pela ciência, e um espaço não físico, que existiria do lado de fora do mundo material, que, neste caso, é o ciberespaço e sua correspondente cultura (WERTHEIM, 2001, p. 168).

A visão otimista e utópica sobre o ciberespaço, traduzida em termos religiosos tanto por Lemos quanto por Wertheim, alcança um ponto culminante no pensamento de Pierre Lévy. Sempre um otimista e entusiasta da cibercultura e da Internet, Lévy (1999, p. 246) entende que o ciberespaço promove uma revolução, já que, entre outras coisas, liberta o usuário da Internet para que, dispensando intermediários, possa disseminar seu próprio fluxo de informações (seus textos, suas músicas), construindo seu mundo virtual, os produtos de seu espírito, estabelecendo relações sociais e constituindo uma realidade social sob o seu absoluto critério individual.

Algumas ponderações podem ser erguidas contra essas afirmações otimistas sobre o papel e as características do ciberespaço. Ainda utilizando a idéia da religiosidade, Wertheim (2001, p. 218) também apresenta uma possível perspectiva negativa para o ciberespaço. Ela afirma que, sendo um espaço interior fabricado pelo homem, o ciberespaço pode dar lugar para o afloramento dos aspectos mais vis do comportamento humano. Segundo a autora, apesar dos entusiastas da Internet defenderem-na como um espaço celestial, o ciberespaço pode se tornar mais parecido com o inferno do que com o céu. Apesar de crítica, a posição de Wertheim ainda não se descola, nesse caso, da visão utópica e religiosa sobre o ciberespaço. As críticas podem ir mais além.

Uma das que avança nessa crítica é Melo (2004, p. 138), que acredita que a crença em uma sociedade libertária promovida pelo ciberespaço, em que qualquer um teria acesso a tudo o que necessitassem a qualquer momento, só pode existir do ponto de vista técnico e virtual, mas não na realidade das práticas sociais que efetivamente têm lugar na Internet. Segundo a autora, na Internet as trocas também funcionam a partir das condições de produção e de circulação do discurso, idéia que já trabalhamos na discussão sobre hipertexto. Desse modo, o ciberespaço como utopia celeste em que uma sociedade



igualitária e libertária, sem um pólo único de emissão de fluxo de informações, funciona com relações intersubjetivas estabelecidas sob o fundamento da igualdade, não se estabelece com a constatação de que as relações continuam se constituindo a partir da manifestação de poder, discurso e ideologia.

Também Fragoso (2003) levanta críticas substantivas às visões mais otimistas sobre o ciberespaço. Ainda que concorde com a possibilidade de um ciberespaço participativo, com uma diluição dos pólos de emissão informativa, Fragoso (2003, p. 223) destaca que a tendência é a formação de um heterogêneo e assimétrico processo de comunicação na Rede, principalmente porque cada vez mais usuários têm direcionado sua navegação na Internet para fontes e endereços enraizados em instituições cultural e discursivamente estabelecidas, preferencialmente, nascidas “fora da rede”. No entanto, novas tecnologias que surgem na Internet, como por exemplo as ferramentas de compartilhamento de arquivos conhecidas como *peer-to-peer* (P2P), representam uma força de resistência à tendência centralizadora, já que permitem que qualquer computador na Internet funcione como cliente e/ou servidor, possibilitando a total troca de dados entre os computadores em Rede. Essas tecnologias são conhecidas em programas como Kazaa, E-mule e E-donkey despertando a ira dos grupos midiáticos por subverterem as legislações que tratam de direitos autorais e de produção no mundo físico. Além do P2P, poderiam ser destacadas linguagem como a Wiki e a Wikipédia, que promovem tentativas de real descentralização dos fluxos discursivos de poder no ciberespaço. Um desses elementos fundamentais é representado pelos blogs, cuja criação é facultada a qualquer usuário da Internet e cujo conteúdo possui como único editor o próprio autor ou blogueiro. Iniciativas assim podem surgir como formas de resistência às centralizações e monossemias que têm seu lugar na Internet.

Reiteramos, então, o nosso entendimento do ciberespaço. O ciberespaço é visto no âmbito desta pesquisa como um espaço virtual, possibilitado pelas redes de conexão de computadores, em que os sujeitos sociais estabelecem relações intersubjetivas virtuais, constituindo uma realidade social particular. Esse ciberespaço nasce da relação das redes físicas com a realidade social constituída, possuindo características de religação social, limitadas pelos contextos sócio-discursivos e das relações de poder. A depender, no entanto, se o ciberespaço for pensado sob uma perspectiva mais ou menos utópica e



otimista, outras características serão a ele adicionadas. Nós o entendemos, no entanto, a partir das relações intersubjetivas virtuais e com a manifestação de todas as suas limitações discursivas, sem perder a perspectiva onírica de que, nas palavras de Wertheim (2001, p. 207), a “Internet, com sua vasta teia global, acena para todos nós com uma visão de amizade e a esperança de inclusão num todo social mais amplo”.

### **Considerações finais**

Procuramos definir as relações sociais na Internet, constitutivas do ciberespaço, a partir da reflexão descritiva da própria Internet e dos seus elementos, notadamente o hipertexto e o ciberespaço. Desse modo, afirmamos que o ciberespaço se constitui das relações intersubjetivas que têm lugar na Internet. Apontamos, também, as limitações discursivas e ideológicas do hipertexto e do ciberespaço, que manifestam as relações de poder e o fluxo de produção e de circulação de informações na Internet. Além disso, mostramos como dois grupos de pesquisadores se configuram a partir da visão mais ou menos otimista que apontam sobre o fenômeno. Nós nos pomos mais identificados ao grupo dos pessimistas, mas sem perder a perspectiva e a esperança de que a Internet possibilite, no futuro, uma maior inclusão e novas maneiras, mais justas e igualitárias, de relações sociais.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. “A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual”. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

CAIRNCROSS, Frances. **O fim das distâncias: como a revolução das comunicações transformará nossas vidas**. Tradução de Edite Sciulli e Marcos T. Rubino. São Paulo: Nobel, 2003.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. “Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto” In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.



CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto & FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Figuras da intersubjetividade na construção subjetiva: dimensões da alteridade.** Disponível em: [http://www.smarcos.br/interacoes/arquivos/artigo\\_17.pdf](http://www.smarcos.br/interacoes/arquivos/artigo_17.pdf), acessado em 12 mai 2005.

DANTAS, Daniel. **As relações intersubjetivas nos blogs e as práticas de letramento digital.** Dissertação de Mestrado. Natal: UFRN, 2006.

FRAGOSO, Suely. “Um e muitos ciberespaços”. *In*: LEMOS, André & CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, André. “Aspectos da cibercultura: vida social nas redes telemáticas”. *In*: PRADO, José Luiz Aidar Prado. **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas.** São Paulo: Hacker Editores, 2002a.

\_\_\_\_\_. “Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época”. *In*: LEMOS, André & CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002b.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Traduzido por Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação.** Tradução Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital” *in*: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. “A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet”. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.



RECUERO, Raquel da Cunha. **O interdiscurso construtivo como característica fundamental dos webrings.** Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/n10/a-n10a1.html>, acessado em 28 set 2004.

SAAD, Beth. **Estratégias para mídia digital:** Internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

SERVA, Leão Pinto. **Babel:** a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos. São Paulo: Mandarim, 1997.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital.** Tradução por Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WOLF, Mauro. **Teoria das comunicações de massa.** Traduzido por Karina Jannini. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

XAVIER, Antonio Carlos. “Leitura, texto e hipertexto”. *In:* MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.